

Individualismo, liberdade e insegurança na Pós-modernidade

Individualism, freedom and insecurity in Postmodernity

Érico Douglas Vieira, Márcia Stengel

Resumo

Procura-se neste artigo descrever o individualismo como ideologia própria da Modernidade bem como suas configurações pós-modernas. Parte-se do pressuposto que a nossa sociedade toma o indivíduo como valor supremo e como unidade moral autônoma, enfatizando fortemente aspectos como a liberdade de escolha, a realização pessoal, a obtenção de sensações prazerosas e a possibilidade de viver sem depender do outro. Busca apresentar a Modernidade como a época que inventou a noção de indivíduo autônomo na tentativa de libertação dos laços tradicionais. Compara as sociedades holistas ou tradicionais e as sociedades individualistas. Demonstra que na Pós-modernidade o individualismo permanece como uma ideologia que toma o indivíduo como referência e que valoriza aspectos como a liberdade individual e a obtenção de sensações prazerosas. No entanto, a ênfase em valores como a liberdade e a responsabilidade individuais não coincidem com a realização destes valores.

Palavras-chave

Individualismo; liberdade; pós-modernidade.

Abstract

This paper seeks to describe individualism as their own ideology of modernity and its postmodern settings. It starts from the assumption that our society takes the individual as the supreme value and as a standalone unit morale, strongly emphasizing issues such as freedom of choice, personal fulfillment, the attainment of pleasurable sensations and the possibility of living without depending on others. Seeks to present Modernity as the time he invented the notion of autonomous individual in an attempt to release the traditional ties. Compare the holistic or traditional societies and individualistic societies. Shows that in Post-modernity individualism remains an ideology that takes the individual as a reference and that values aspects such as individual freedom and the achievement of pleasurable sensations. However, the emphasis on values such as individual freedom and responsibility do not coincide with the realization of these values.

Keywords

Individualism; freedom; post-modernity.

Érico Douglas Vieira
Pontifícia Universidade
Católica de Goiás

Psicólogo pela UFMG,
Especialista em Psicodrama,
Mestre em Psicologia pela PUC
Minas, Doutorando em
Psicologia pela Pontifícia
Universidade Católica de Goiás.
ericopsi@yahoo.com.br

Márcia Stengel
Pontifícia Universidade
Católica de Minas Gerais

Professora do Programa de Pós-
Graduação em Psicologia da
Pontifícia Universidade Católica
de Minas Gerais.
mstengel@terra.com.br

Introdução

A nossa sociedade contemporânea toma o indivíduo como valor supremo, realizando algumas operações que têm como resultado uma forte ênfase em aspectos como a liberdade de escolha, a realização pessoal, a obtenção de sensações prazerosas e a possibilidade de viver sem depender do outro.

Pretende-se neste artigo analisar o forte anseio de liberdade nos dias atuais. Para isto, buscaremos compreender a ideologia do individualismo por entendermos que o fato de nos vermos como indivíduos fomenta uma busca obsessiva pela liberdade. O individualismo será descrito, a partir das obras de Dumont (1972, 2000), buscando-se apontar quais seriam as características de uma sociedade na qual estaria presente o individualismo e em que esta sociedade pode diferir de outra que não seja individualista. Em um segundo momento, far-se-á um estudo sobre o individualismo na Pós-modernidade, comparando este tipo de sociedade com a Modernidade. A busca pela liberdade individual é um norte que se desenha na Modernidade e que ganha uma ênfase maior na contemporaneidade.

Pretendeu-se adotar posições teóricas que têm como objetivo a compreensão do sujeito imerso em um mundo social que constitui este sujeito, assim como este último constrói e afeta o universo social.

Individualismo e liberdade: Sociedades tradicionais e Modernidade

Dumont (2000) tenta compreender a ideologia¹ do individualismo traçando a diferença entre as sociedades holistas e as sociedades individualistas. Nas primeiras, a totalidade do corpo social tem valor supremo, enquanto nas segundas o indivíduo por si só é mais valorizado. O indivíduo seria o centro e o foco do universo social. As transformações associadas à Modernidade libertaram o indivíduo de seus apoios estáveis nas tradições e estruturas, época histórica descrita pelo autor como a passagem no Ocidente dos estados feudais para a formação dos estados nacionais, bem como o advento da Reforma Protestante e o Renascimento.

Para entender a ideologia individualista da Modernidade, o autor estudou a sociedade de castas na Índia e demarcou a hierarquia como princípio organizador de tal sociedade. Hierarquia no sentido de posição social definida, cada ser humano particular ocupando seu lugar, obedecendo aos fins prescritos pelo todo social, sem possibilidade de mobilidade. Este tipo de sociedade representa um exemplo de sociedade tradicional, estando presentes valores de referência como ordem, tradição, hierarquia, cada homem particular contribuindo para a organização da sociedade. Neste caso não há espaço, ou há pouco espaço, para escolhas individuais. Aliás, a noção de indivíduo é muito incipiente nas sociedades tradicionais; o indivíduo é uma marca da Modernidade, de acordo com Dumont (2000).

O ponto de partida para o surgimento do individualismo no Ocidente seria o Cristianismo. De forma semelhante ao renunciante da Índia, havia também a figura do renunciante cristão. O indivíduo retira-se do mundo profano para ter uma relação com Deus e com o sagrado, tornando-se um indivíduo estranho ao mundo (OLIVEIRA, 2000). Seria o individualismo extramundano que surge dentro de uma sociedade tradicional e holista, fomentando uma cisão entre as exigências mundanas e as revelações divinas. A partir do predomínio do holismo social da cultura greco-latina, o Cristianismo conseguiu equilibrar o individualismo extramundano com o holismo da vida social (DUMONT, 1992). No entanto, ocorreu uma mudança,

1

O autor utiliza o termo ideologia como um conjunto de ideias e valores que dão forma à cultura e que confere um papel central da vida social.

com o advento da Reforma Protestante, na qual o renunciante cristão passa a integrar o campo social, favorecendo a gênese de uma sociedade individualista. O cristão era compelido, então, a agir na sociedade, ao invés de retirar-se dela. Ocorre a transição do individualismo extramundano, fundado numa matriz social holista, para o individualismo intramundano (DUMONT, 1992). O individualismo passa a figurar como marca da Modernidade e como valor principal da cultura ocidental.

Este argumento demonstra que a ideia de indivíduo pode ser desnaturalizada, ou seja, a percepção de si como indivíduo não é inata, mas construída socialmente. Pode-se dizer até que é fundada na sociedade moderna. Tendo em vista este aspecto, adotaremos o termo pessoa ao falarmos de sociedades tradicionais e indivíduo quando nos referirmos às sociedades modernas, seguindo o estudo feito por DaMatta (1983), a partir da análise de sua obra por Stengel (2004, p. 40).

A pessoa é definida por um universo relacional, não havendo uma mediação direta com a realidade social. Esta mediação é feita por diferentes esferas como, por exemplo, a família. A identidade é construída pela posição na família ou em um grupo social ordenado hierarquicamente. O indivíduo, ao contrário, tem uma mediação direta com a realidade e seu universo social é composto por regras universais e impessoais. O indivíduo existe como um valor e sua identidade é radicada em sua própria história e em suas escolhas pessoais.

Neste sentido, teríamos a pessoa nas sociedades holistas e nas individualistas o indivíduo como forma dos sujeitos se colocarem no sistema social. Tal forma de entender as relações sociais, juntamente com as distinções dumontianas, representa análises dualistas que dificilmente representam a realidade concreta. Apesar da possibilidade de haver elementos relativos às sociedades holistas e individualistas presentes simultaneamente, podemos observar a predominância de uma forma sobre a outra dependendo da sociedade.

Desse modo, enquanto nas sociedades tradicionais a hierarquia domina o plano ideológico, nas sociedades modernas os princípios de referência são igualdade e liberdade. Cada indivíduo é considerado uma unidade de referência fundamental, para si mesmo e para a sociedade. Como não há a ideia de estrutura social que prescreva os lugares sociais, a sociedade torna-se uma associação de indivíduos autônomos, constituindo-se desta maneira, como algo externo aos indivíduos ou até mesmo em oposição a eles. A sociedade negada, primordialmente, passa a ser um estorvo ao exercício pleno da liberdade e da igualdade. Na medida em que a representação de indivíduo foi transformando-se em uma ideia valorizada, a sociedade passou a ser vista como um obstáculo a ser dissolvido para a consecução da liberdade individual. Nas sociedades individualistas, perpassa a noção de que a sociedade deve estar a serviço do indivíduo, sendo o contrário entendido como injustiça ou opressão.

Simmel (2005 [1903]) discute a questão da liberdade e da igualdade presentes no individualismo. O autor descreve duas formas de individualismo, colocando a vida nas cidades como uma grande fomentadora desta ideologia. O primeiro tipo de individualismo ou a primeira revolução individualista ocorreu no século XVIII, quando surgiu o clamor por liberdade e igualdade. Havia uma busca pela libertação dos indivíduos em relação a laços políticos, agrários e religiosos, que passaram a ser vistos como ligações violentadoras, opressoras e sem sentido. A independência destas relações injustas traria a revelação da natureza nobre e boa do ser humano que a sociedade havia deformado; tal era o ideal do liberalismo que acreditava num homem universal.

A segunda revolução individualista iniciou-se a partir do século XIX, por influência do Romantismo, trazendo a ideia de que os homens, agora libertos dos laços tradicionais, poderiam ser distinguidos uns dos outros. Os indivíduos buscavam, então, ser valorizados na sua singularidade, queriam ser únicos e incomparáveis (SIMMEL, 2005 [1903]).

Simmel (2005 [1903]) circunscreve a cidade como o palco onde estas duas formas de individualismo entram em conflito e tentam unificar-se. Dadas as relações quantitativas presentes nas cidades, existe uma pressão para que a primeira forma de individualismo predomine sobre a segunda. O que é verdadeiramente pessoal e incomparável é cada vez mais ofuscado pela disseminação de conteúdos impessoais que geram uma massificação crescente. As ideias de liberdade, igualdade e de um ser humano universal estão bastantes presentes na vida nas cidades. Como reação a esta configuração, a segunda forma de individualismo entra em cena:

A vida compõe-se cada vez mais de conteúdos e programas impessoais, que pretendem recalcar as colorações verdadeiramente pessoais e o que é incomparável. Para salvar o que é pessoal é preciso convocar o que há de extremo em peculiaridade e particularização, e é preciso exagerá-las para que possa tornar audível, inclusive para si mesmo (SIMMEL, 2005 [1903], p. 588).

DaMatta (1983) argumenta que, no caso brasileiro e de todas as sociedades chamadas mediterrâneas, teríamos as noções de pessoa e indivíduo operando simultaneamente. De um lado, temos as leis universais que operam igualmente para todos os indivíduos e de outro, temos o “sabe com quem está falando?”, fazendo buscam privilégios e direitos baseados no sangue, na filiação, no casamento emergir a ideia de pessoa. No Brasil ainda existem relações sociais nas quais se. Pode-se questionar que o exposto até o momento faz transparecer que a oposição entre as sociedades holistas e as sociedades individualistas seria feita de forma dicotômica. Na realidade, estas ideias aparecem concomitantemente no contexto social. Mesmo com esta ressalva, entendemos que, no plano ideológico, a ideia de indivíduo predomina, mesmo no caso brasileiro, fomentando uma busca crescente pela liberdade individual. Vejamos como esta busca se faz na Pós-modernidade.

Individualismo, Liberdade e Pós-modernidade

Agora passemos a discorrer sobre o individualismo presente nas sociedades pós-modernas e como esta ideologia se articula na busca pela liberdade individual. Quanto a este tipo de sociedade, podemos também falar que o individualismo é uma ideologia presente e marcante. Antes de prosseguirmos, porém, é importante destacar que o período contemporâneo, que se inicia da década de 1960 até os dias atuais, recebe diversas designações, tais como “Modernidade Tardia” (HALL, 2003), “Modernidade Avançada” e “Segunda Modernidade” (SINGLY, 2003), “Modernidade Líquida” (BAUMAN, 2004) e Pós-modernidade (LIPOVETSKY, 1983; GIDDENS, 1991; KUMAR, 1997; CHAVES, 2004). Neste trabalho, adotaremos o termo Pós-modernidade, mesmo sabendo que não há um consenso quanto a seu uso. Compreendemos a década de 1960 como o marco inaugural da Pós-Modernidade com o advento do movimento feminista, das revoltas estudantis, dos movimentos juvenis contraculturais, das lutas pelos direitos civis e dos movimentos revolucionários do Terceiro Mundo (HALL, 2003). Alguns autores preferem não utilizar o termo Pós-Modernidade por entenderem que esta mantém muitas características da

Modernidade. Entendemos aqui que há continuidades e descontinuidades entre estas épocas.

Bauman (2004) distingue a Modernidade em dois períodos: a Modernidade Sólida e a Modernidade Líquida. No nosso trabalho referimos-nos à primeira, simplesmente, como Modernidade e chamamos de Pós-Modernidade segundo período definido por Bauman (2004). A Modernidade Sólida refere-se ao período abordado na sessão anterior no qual o individualismo descrito por Dumont (2000) seria a marca principal. Bauman (2004, p. 20) aponta que este período seria “a época, ou o estilo de vida, em que a colocação em ordem depende do desmantelamento da ordem tradicional, herdada e recebida; em que ‘ser’ significa um novo começo permanente”. Representa a tentativa de construir uma nova ordem ou um projeto revolucionário coletivo de substituição da velha ordem, herdada da tradição, por uma nova e melhor. A Modernidade oferece aos indivíduos a vivência concomitante da esperança e da culpa. Há promessas de dias melhores, de reformas que melhorariam as vidas individuais, mas que permaneceriam como ideais que nunca seriam alcançados. Daí o decorrente sentimento de culpa pelo fato de que os padrões são inatingíveis. Como existe uma guerra contra a tradição, o projeto moderno, de acordo com Bauman (2004), apregoa que a identidade dos sujeitos deve ser realizada ao longo da existência e que esta busca deve ser uma tarefa individual e de responsabilidade do indivíduo. No entanto, os sujeitos modernos têm o apoio de grandes sistemas de sentido como as religiões e as ideologias revolucionárias, além de uma percepção da sociedade composta por cenários estáveis e duradouros. Como afirma o autor, “ser moderno significa estar em movimento” (BAUMAN, 2004, p. 92), em uma busca frenética pela construção da identidade.

Apesar das manutenções e fissuras entre as sociedades pós-modernas e as sociedades modernas, pode-se dizer que o indivíduo continua a ser o valor supremo na Pós-modernidade, mas de uma maneira diferente. De acordo com Chaves (2004), o sujeito moderno tinha como ênfase a busca da ordem, a valorização da razão e a tentativa de conciliar as tensões entre as necessidades individuais e as exigências coletivas do Estado. Havia ainda uma entidade suprapessoal de importância, como o Estado, como marco de ordenação para a vida individual. Na Modernidade o sujeito era concebido como sendo racional, pensante e consciente, situado no centro do conhecimento, que denominamos como o sujeito cartesiano. Era uma concepção de sujeito como tendo uma identidade fixa, estável e coerente. O sujeito pós-moderno pode se perder numa desordem ou em uma nova ordem, na qual os interesses individuais tendem a suplantar os interesses voltados ao bem-estar coletivo. Cada um estaria voltado para a busca de sensações prazerosas a despeito da organização coletiva. Enquanto a responsabilidade na Modernidade refere-se a preocupações de âmbito coletivo, na Pós-modernidade os indivíduos preocupam-se com o seu bem-estar individual, revelando uma indiferença com as questões da sociedade.

Na Pós-modernidade teríamos o sujeito descentrado, deslizando por múltiplas identidades com uma perda da estabilidade do sentido de si. O sujeito pós-moderno é instado a flexibilizar-se em seu processo identitário, sendo, pois, atravessado por diferentes divisões e antagonismos sociais que resultam em variadas posições de sujeito - identidades fragmentadas, inacabadas, abertas e contraditórias (HALL, 2003). Há também um constante apelo para a inovação, para a experimentação, para a busca de novas sensações, para o imediatismo. Na Pós-modernidade a incerteza está sempre presente. A perda do sentido da noção de Estado e a fragmentação da família geram uma crescente insegurança, configurando um cenário de imprevisibilidade e instabilidade.

A liberdade individual é supervalorizada, sendo entendida como viver como bem quiser, ter várias opções e ser livre para escolher (CHAVES,

2004). O indivíduo é responsabilizado pelo seu próprio bem-estar, pela construção de seu projeto de vida, pela satisfação de suas necessidades, pelo planejamento de sua vida. Se, por um lado, esta responsabilização pode garantir uma possibilidade de determinar a própria vida, por outro, requer um esforço e um investimento muito grandes, que nem todos estão dispostos ou são capazes de fazer. Ao mesmo tempo em que parece ter ocorrido um aumento da liberdade individual, esta não é vivida sem angústia, pois há um incremento concomitante da dificuldade de escolher, conforme aponta Lasch (1987, p. 29):

Uma sociedade de consumidores define a escolha não como a liberdade de escolher uma linha de ação em vez de outra, mas como a liberdade de escolher todas as coisas simultaneamente. Liberdade de escolha significa deixar suas opções em aberto, resulta na prática de uma abstenção de escolha.

Refletindo sobre estes aspectos, fica claro que a sociedade pós-moderna também é individualista. Quando pensamos no individualismo descrito por Dumont (2000) como ideologia pertencente à Modernidade, que enfatizava a liberdade e a responsabilidade individuais, percebe-se que esta definição ainda se encaixa para descrevermos os valores da Pós-modernidade. No entanto, é preciso marcar algumas diferenças existentes entre o individualismo da Modernidade com o da Pós-modernidade.

Bauman (2004) discorre sobre os mal-estares presentes na vida dos sujeitos modernos e pós-modernos. Enquanto na Modernidade havia uma busca pela segurança com um conseqüente sacrifício das liberdades individuais, na Pós-modernidade o que se percebe é o reino soberano da liberdade individual. Tal liberdade deve ser alcançada pelo esforço próprio, tornando-se a referência das normas supraindividuais e a base pela qual todos os outros valores são avaliados. De acordo com o autor, trocamos a monotonia pela insegurança: “se obscuros e monótonos dias assombravam os que procuravam segurança, noites insones são a desgraça dos livres” (BAUMAN, 2004, p. 10).

O autor define a liberdade como uma relação de poder, na medida em que se é livre se, e somente se, pode agir de acordo com a vontade própria e alcançar os resultados que se pretende (BAUMAN, 2004). Ela não é democraticamente distribuída ou aumentada indiscriminadamente na Pós-modernidade. A liberdade é intensificada entre os fortes, entre os que possuem mais recursos materiais e habilidades que possibilitem uma ação efetiva no mundo. Do outro lado, de maneira polarizada, estão os excluídos, despojados que estão de recursos para a construção da identidade, entendendo que tal construção se faz a partir do exercício da liberdade. Tais sujeitos carecem de meios para controlarem suas escolhas individuais, ou seja, suas trajetórias de vida são marcadas por momentos nos quais ficaram impossibilitados de impor ao mundo sua vontade. Entende-se, a partir de Bauman (2004), que um dos aspectos da construção da identidade dá-se na medida em que se consegue exercer uma ação transformadora no mundo e que tais ações constituem o seu agente. A identidade do sujeito vai sendo constituída na medida em que ele vai realizando suas escolhas e percebendo o resultado delas. A este respeito, diz o autor:

Tornamo-nos conscientes de que a identidade não tem a solidez de uma rocha, não é garantida por toda a vida, é bastante negociável e revogável, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age - e a determinação de se manter firme a tudo isto - são fatores cruciais para a questão da identidade (BAUMAN, 2004, p. 17).

Portanto, na Pós-modernidade a liberdade não é igualmente distribuída, nem todos estão dotados das mesmas condições para a construção e a manutenção da identidade. Além disso, a construção identitária é percebida como uma tarefa a ser realizada permanentemente, ou seja, a identidade possui uma condição frágil e provisória para os indivíduos pós-modernos.

Enquanto na Modernidade a identidade era construída gradual e pacientemente em um mundo calcado na manutenção da ordem, na Pós-modernidade o que se percebe é que a constituição identitária dá-se sob condições de eterna incerteza. Os sujeitos precisam cultivar a arte de esquecer e memorizar concomitantemente, ou seja, precisam reter e, ao mesmo tempo, esquecer acontecimentos, estímulos e pessoas. O mundo pós-moderno exige uma constante capacidade de adaptação, o que dificulta a construção de uma identidade sólida. Decorre destas condições que grande parte dos distúrbios que levam os sujeitos para os especialistas psi em busca de ajuda seria problemas com a identidade como, por exemplo, os transtornos alimentares, os distúrbios narcísicos de personalidade e os transtornos relacionados à drogadicção. Vale ressaltar que estes problemas não são inéditos, mas ganham destaque quando os comparamos à Modernidade.

O mundo em que a ação humana se inscreve torna-se frágil, os valores que norteiam a vida dos sujeitos desqualificam-se hoje e amanhã voltam a ser importantes. Num mundo em que os produtos disponíveis para consumo são fabricados para a imediata obsolescência, as identidades são adotadas com a mesma rapidez em que são descartadas. É preciso, na vida pós-moderna, ter várias opções em aberto e não deixar que a identidade torne-se fixada. Bauman (2004, p. 35) aponta:

Embora possa parecer estimulante no curto prazo, cheio de promessas e premonições vagas de uma experiência ainda não vivenciada, flutuar sem apoio num espaço pouco definido, num lugar teimosamente, perturbadoramente, “nem-um-nem-outro”, torna-se a longo prazo uma condição enervante e produtora de ansiedade. Por outro lado, uma posição fixa dentro de uma infinidade de possibilidades também não é uma perspectiva atraente. Em nossa época líquido-moderna, em que o indivíduo livremente flutuante, desimpedido, é o herói popular, estar fixo - ser identificado de modo inflexível e sem alternativa - é algo cada vez mais mal visto.

Na vida pós-moderna aumenta o desejo por querer ser diferente, fato que se percebe através da acentuação do que é particular em cada sujeito. Como a liberdade individual é a referência que guia os indivíduos pós-modernos (BAUMAN, 2004), ser igual a todos pode ser sentido como uma perda da liberdade. Portanto, é preciso distinguir-se da maioria, exagerar as particularidades e, igualmente importante, estampar para si mesmo e para os outros as próprias peculiaridades. Exemplo desta atitude talvez seja a adoção de tatuagens que inscrevem no corpo, num nível concreto, algo característico ou incomparável do sujeito. A valorização do que é singular em cada um foi proporcionada pela segunda revolução individualista, que entra como contraponto ao ideal de igualdade presente na ideologia individualista em um primeiro momento, conforme aponta Simmel (2005 [1903]).

Os compromissos estão sendo vistos cada vez mais como algo desagradável, inclusive o compromisso com uma identidade escolhida permanentemente. A aventura de estar sempre em movimento transforma-se numa tarefa cansativa. O desengajamento e o rompimento, longe de

2

Referimo-nos aqui como terapias alternativas as chamadas terapias holísticas tais como o reiki, a massoterapia, a meditação, a astrologia, por exemplo.

reduzir os riscos - como desejam os indivíduos pós-modernos - aumentam difusamente as ansiedades experimentadas. Fazer renúncias para escolher um caminho em detrimento dos outros está cada vez mais fora de moda.

O sujeito pós-moderno é um acumulador de sensações. Se o lugar está rotineiro ou sem surpresas, ele parte para outras aventuras que prometem mais excitação. Para tanto, as relações com as pessoas tornam-se superficiais, além de haver uma falta de envolvimento com obrigações de longo prazo. A fuga da prisão que os laços duradouros representam para os sujeitos pós-modernos faz com que nunca se sintam em casa, sempre se sentem deslocados e fora do lugar (BAUMAN, 2004).

Percebe-se que a liberdade articula-se com a individualidade de maneira singular na Pós-modernidade. O que se observa é que a individualidade atualmente deve ser preservada e os sujeitos valorizam muito tal preservação. A referência para a manutenção da individualidade é a liberdade, ou seja, os sujeitos percebem que estão preservando sua individualidade nos contextos em que se mantêm intactas as possibilidades de escolha. Nas situações em que há a percepção de que algo ou alguém interfere nestas opções, o alerta é acionado e os sujeitos vão em busca da defesa de sua individualidade ameaçada. A palavra de ordem é colocar os limites e não deixar que o outro lhes invada, anulando sua individualidade. Portanto, além da procura por um refúgio na relação amorosa diante da fluidez do mundo pós-moderno, por exemplo, há uma busca de um refúgio no eu.

A Pós-modernidade também pode ser entendida como a era da cultura do narcisismo, que se define por uma sociedade formada por indivíduos extremamente preocupados consigo próprios (LASCH, 1983). Esta intensa autoabsorção traduz na propagação de uma visão terapêutica caracterizada pela busca do “crescimento” pessoal, pelo culto da “expansão” da consciência, pelo monitoramento frequente da saúde. Importante frisar que a visão terapêutica aqui mencionada não se refere restritamente ao consumo de terapias ou psicoterapias, sendo composta por um clima que domina toda a cultura e que se manifesta no consumo de livros de autoajuda e de terapias alternativas², por exemplo. Contudo, os especialistas - médicos, psicólogos, pedagogos - encampam e alimentam a demanda que surge na preocupação excessiva com o eu. A principal hipótese do autor é que a cultura do narcisismo difunde-se na medida em que há um enfraquecimento do sentido do tempo histórico. Este processo se dá como um repúdio ao passado, que representa as tradições, e em uma dificuldade em determinarmos o que acontecerá no futuro.

Em vista disto, torna-se uma obsessão viver para o momento e viver para si e não para os que virão na posteridade. As pessoas desejam o bem-estar pessoal, a segurança psíquica, a saúde. No entanto, esta autoabsorção intensa revela uma crescente insegurança perante a complexidade da vida pós-moderna e uma desesperança em tentar entender ou modificar a sociedade; tudo isto mascarado com o nome de crescimento pessoal. Lasch (1983, p. 132) argumenta que

o homem contemporâneo volta-se para novos cultos e terapias, não para libertar-se das obsessões, mas para encontrar sentido e finalidade na vida, encontrar algo pelo que viver, abraçar, precisamente uma obsessão.

Estas condições sociais têm, como decorrência, a construção de identidades individuais instáveis.

O individualismo, descrito pelo autor como narcisismo, tem como características a estimulação de desejos infantis por meio da publicidade; o declínio da autoridade parental pela influência dos meios de comunicação de massa, da escola e dos discursos dos especialistas; e, a racionalização da vida interior. O indivíduo narcisista possui uma intensa preocupação com a

velhice e a morte e uma sensação de vazio interior. Esta sensação produz uma insaciabilidade de experiências emocionais e sensações prazerosas com o objetivo de preencher o vazio. Consequentemente, o que há é um projeto do prazer na cultura do narcisismo, o corpo fica em evidência, tornando-se alvo da sociedade de consumo.

O narcisista é ávido pela admiração dos outros em contraste com sua ilusão de onipotência. Esta ilusão é criada porque os indivíduos são levados a se identificarem com pessoas que representam poder, glória, fama e celebridade. O narcisista imagina-se independente, mas depende dos outros como um ator depende de uma plateia; ele necessita que a admiração e a atenção vindas dos outros confirmem a sua ilusão de ser uma pessoa importante. Na medida em que a relação com o outro está comprometida, o sujeito não tem o reconhecimento que espera, o que faz aumentar sua sensação de desamparo. Além disso, o narcisista não se vê constrangido pelos laços familiares, nem pelas instituições, fato que também pode aumentar sua sensação de desamparo, visto que não sofre mais a opressão, mas não tem a proteção da família e das instituições (LASCH, 1983).

Neste ponto, percebe-se semelhança na descrição que Chaves (2004) faz do sujeito pós-moderno com o indivíduo narcisista. A autora refere-se à valorização da liberdade individual entendida como viver de acordo com o seu desejo, tendo um leque de opções e uma liberdade de escolha. Neste momento, um questionamento nos é imposto, que seria a pertinência de precisarmos conceitualmente os termos narcisismo e individualismo. Seriam estes termos sinônimos? Se não, qual a diferença entre eles? De início, é preciso dizer que não estamos tomando o termo narcisismo como uma descrição psiquiátrica de um quadro patológico.

Podemos dizer que o narcisismo descrito por Lasch (1983) representa uma ideologia individualista na medida em que enfatiza a liberdade individual e responsabiliza cada um como gerente de sua própria saúde e bem-estar. A ênfase nas sensações como modo de lidar com o vazio, o psicologismo e as operações que visam ao autoengrandecimento do eu colocam o narcisismo como um desenvolvimento peculiar do individualismo na Pós-modernidade. Devemos acrescentar que na Modernidade estes dois últimos aspectos não estavam presentes como nos tempos atuais. Talvez esta delimitação conceitual entre narcisismo e individualismo tenha semelhança com a delimitação feita anteriormente entre individualismo na era moderna e na Pós-modernidade. Neste ponto, podemos dizer que o individualismo presente na Pós-modernidade coincide com o narcisismo descrito por Lasch (1983). Ou, ainda, o narcisismo seria uma nova configuração ou uma nova modalidade de individualismo que atravessa os sujeitos pós-modernos. A valorização da imagem, uma intensa autoabsorção e a busca de sensações prazerosas seriam as marcas desta nova configuração.

Lasch (1983) coloca grande ênfase no papel da publicidade para a manutenção e criação dos valores da cultura do narcisismo. A publicidade cria e perpetua o consumidor insatisfeito, ansioso e entediado; mistura e confunde liberdade de consumo com autonomia; defende o consumo como resposta e saída frente à solidão e fabrica novas pseudonecessidades, criando ilusões de bem-estar e prosperidade associadas aos produtos consumidos. A cultura do narcisismo tenta produzir novas necessidades e não satisfazê-las, gerando novas ansiedades sem atenuar as antigas. Fabricação de ilusões de autoengrandecimento que, no fim, somente geram autodesprezo e indiferença perante o mundo.

Ao refletirmos sobre o valor que a cultura do narcisismo confere ao indivíduo, não podemos deixar de pensar sobre o caráter ambíguo de tal valorização. A ênfase em valores como a liberdade e a responsabilidade individuais não coincidem com a realização destes valores. Podem existir substitutos à liberdade como o consumismo, por exemplo, que criam a

ilusão da realização pessoal. Uma cultura que leva as pessoas a se identificarem com ideais de riqueza, poder, glória e fama traz concomitantemente autodesprezo e autodegeneração, quando os ideais não são alcançados. O narcisismo personifica sob os disfarces de ‘crescimento’ pessoal e ‘consciência’ à autoinspeção ansiosa. Introspecção crítica e autoconhecimento cederam lugar a uma autoabsorção acompanhada de novos mal-estares e um repúdio ao desenvolvimento da individualidade. Longe de fortalecer as individualidades, a cultura do narcisismo coloca o eu numa posição de sobrevivência:

O narcisismo significa uma perda da individualidade e não a autoafirmação: refere-se a um eu ameaçado com a desintegração e por um sentido de vazio interior. A vida cotidiana passou a pautar-se pelas estratégias de sobrevivência impostas aos que estão expostos à extrema adversidade. A apatia seletiva, o descompromisso emocional frente aos outros, a renúncia ao passado e ao futuro, a determinação de viver um dia de cada vez (LASCH, 1987, p. 47).

No sistema social pautado pela produção e consumo em massa, os sujeitos encontram-se cada vez mais minados em sua autoconfiança e iniciativa. São colocados numa posição de passividade, de meros espectadores. Pode-se dizer que a sociedade de consumo não valoriza exatamente o indivíduo, como parece, mas valoriza ou enfatiza o que falta aos indivíduos, como forma de fomentar o consumo. Este aspecto traz uma crescente insatisfação do indivíduo com a identidade que conseguiu construir, identidade esta, vale lembrar, instável. Diante disto, podemos nos perguntar se a sociedade pós-moderna seria individualista, já que não valoriza o indivíduo. Entendemos que uma sociedade é individualista se toma o indivíduo como referência e unidade moral autônoma e que enfatiza a liberdade como um valor norteador. A Pós-modernidade dá ênfase ao que falta aos indivíduos, mas mesmo assim continua tendo o indivíduo como unidade de referência. Portanto, entendemos que a sociedade pós-moderna é, realmente, individualista.

Singly (2003) aborda o individualismo na Pós-modernidade com um enfoque diferente do exposto até o momento. O autor tenta romper com uma visão de que o individualismo somente teria características negativas e que a sua consequência seja a fragilização das relações sociais, necessariamente. Ele discute o individualismo na Pós-Modernidade questionando de que maneira é possível conciliar a liberdade com os laços sociais. Os indivíduos pós-modernos querem ser livres, sendo entendida aqui a liberdade como a possibilidade de movimento. O que é sentido como prisão é o permanecer fechado em lugares, papéis, grupos de pertencas e rotinas.

Os indivíduos desejam possuir laços sociais fortes e não pretendem cultivar a solidão como poderia parecer. Eles querem, todavia, ter várias pertencas:

A multiplicação das pertencas gera uma diversidade de laços que, tomados um a um, são menos sólidos, mas que, juntos, unem os indivíduos e a sociedade. É podendo deslocar-se de um grupo para outro, podendo ter distância das pessoas próximas de si, que o indivíduo individualizado pode simultaneamente definir-se como membro de um grupo e como dotado de uma personalidade independente e autônoma (SINGLY, 2003, p. 24).

Os ‘indivíduos individualizados’, para utilizar a expressão do autor, sentir-se-ão realizados a partir do momento em que forem dadas condições para transitarem em distintos grupos, terem diversos lugares,

desempenharem vários papéis sociais. A liberdade seria, portanto, esta possibilidade de movimento. Depreende-se das ideias de Singly (2003) que o processo de individualização por que passaram as culturas ocidentais não possui somente características negativas e que este processo não pode ser entendido apenas como algo que fragiliza os laços sociais. Seria uma nova forma de socialização na qual é possível um fortalecimento das relações sociais, caso sejam dadas condições para que o indivíduo individualizado possa realizar-se. Tal enfoque aborda um ângulo diferente de outras análises que colocam a Pós-modernidade como um período no qual o elo social deteriora-se num processo crescente e que o individualismo é negativo (LASCH, 1983). Talvez até exista um reflexo desta visão negativa do individualismo presente no senso comum, quando alguém é rotulado de individualista com intenções de desqualificação como aquele que somente pensa em si próprio. Não nos é possível retornar às formas modernas ou tradicionais de socialização. Esta proposta nostálgica não representa uma saída viável, porque os indivíduos pós-modernos não suportariam os laços tradicionais, que seriam percebidos como opressores e sem sentido, dado o seu grande anseio por liberdade.

Agora voltemos à pergunta: como pode, então, ocorrer um fortalecimento dos laços sociais concomitante à permanência da liberdade individual? Para tentarmos responder, vamos recorrer a uma dimensão identitária tradicionalmente abordada em Psicologia Social e Sociologia, que são os papéis. Singly (2003) aponta que na Pós-modernidade os papéis sociais não desaparecem como, segundo ele, sugerem alguns sociólogos. Os papéis seriam “a dimensão estatutária que deve ser posta em cena durante a situação considerada” (SINGLY, 2003, p. 82). Desse modo, a sociedade fornece vários repertórios de comportamentos que são adotados pelos indivíduos de acordo com a situação e a interação em causa. A liberdade, no caso, refere-se à dosagem particular entre os repertórios propostos.

O indivíduo individualizado tem diferentes repertórios à sua disposição e, para uma dada situação, vários papéis apropriados são possíveis. Esta ou aquela dimensão do papel pode ser acentuada, dando margem para o aparecimento da originalidade e da singularidade do indivíduo. Os elementos estatutários da identidade são importantes na Pós-modernidade, levando-nos à conclusão de que o indivíduo apóia-se em suportes sociais para desenvolver sua identidade e, ao desenvolvê-la, pode exercer sua liberdade. Para conviver com outros indivíduos exercendo seus papéis, torna-se necessário o respeito às diferenças afirmadas. A partir disto, Singly (2003, p. 240) denomina de drama da Pós-modernidade a seguinte injunção paradoxal: “Para seres membro da sociedade, torna-te um indivíduo individualizado”. O social é compatível com o individual, ao contrário do que sugere uma leitura errônea do individualismo, porque o indivíduo tem uma necessidade de fixação (SINGLY, 2003). Não existe somente um anseio por liberdade, mas também uma necessidade crescente de segurança por parte dos indivíduos. A Pós-modernidade é caracterizada por várias tensões: entre pertença e não pertença, entre a rotina e a fluidez, entre o hábito e a espontaneidade. Os indivíduos experimentam um conflito entre as necessidades de liberdade e de segurança, sendo que a última não pode ser subestimada num mundo de incertezas e fluidez.

A sobrecarga de trabalho e obrigações que os pós-modernos assumem pode ser entendida, portanto, como uma necessidade de enraizamento e fixação, na busca de uma segurança que se faz cada vez mais necessária (SINGLY, 2003). A liberdade, palavra de ordem da Pós-modernidade, encontra-se difundida em vários discursos. A necessidade de segurança, apesar de não ser alardeada, tornou-se uma busca incessante dos pós-modernos, mesmo que estes não o saibam. Os compromissos e obrigações são assumidos e depois sentidos como um peso e um entrave à liberdade.

Considerações finais

Este trabalho partiu do estudo do individualismo como ideologia predominante na Modernidade e Pós-modernidade que coloca o indivíduo como foco e centro do universo social. Procuramos descrever aspectos do individualismo como a liberdade de escolha, a realização pessoal, a obtenção de sensações prazerosas e a possibilidade de viver sem depender do outro.

Neste ponto, é interessante condensar alguns conceitos de liberdade vistos no trabalho. Temos, presentes, principalmente três conceitos. Bauman (2004) refere-se à liberdade como uma relação de poder, na medida em que se pode agir de acordo com a vontade própria e alcançar os resultados que se pretende. E é através do exercício da liberdade que o indivíduo vai construindo sua identidade, que se define como um resultado das escolhas que o sujeito faz ao longo da vida. Por sua vez, Chaves (2004) define a liberdade na Pós-modernidade como viver como bem quiser, ter várias opções e pode fazer escolhas sem embaraços. A autora enfatiza no conceito as possibilidades de escolhas, bem como um exercício de identidade ou estilo de vida, de acordo com a expressão 'viver como bem quiser'. Por último, Singly (2003) coloca a liberdade como a possibilidade de movimento e a abertura para se viver em diferentes grupos de pertencas. Portanto, os três autores articulam, cada um a seu modo, liberdade com identidade. Parece que a Pós-modernidade traça, como caminho para a construção da identidade, o exercício da liberdade. Por isto, talvez, a liberdade é tão fortemente valorizada, na medida em que sem ela dificilmente o indivíduo consegue alicerçar sua identidade.

A nosso ver, a referência para se pensar o individualismo na Pós-modernidade é a liberdade individual, sendo esta entendida como variabilidade de escolhas, decisão de viver como bem quiser e, ainda, como liberdade para se pertencer a diversos grupos, para retomar algumas definições. A liberdade individual não é algo realizável sem obstáculos. Ao lado desta busca, há um crescente anseio pela segurança num mundo de incertezas.

Sobre o artigo

Recebido: 02/02/2012

Aceito: 21/08/2012

Referências bibliográficas

BAUMAN, Z. **O Mal-Estar da Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

CHAVES, J. **Contextuais e Pragmáticos: Os relacionamentos amorosos na pós-modernidade**. 2004, 212 f. Tese (Doutor em Psicologia Social e da Personalidade) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e da Personalidade, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

DAMATTA, R. **Carnavais, Malandros e Heróis**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1983.

DUMONT, L. **Homo Hierarquicus**. Londres: Paladin, 1972.

DUMONT, L. **Ensaio Sobre o Individualismo**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

DUMONT, L. **O Individualismo: Uma perspectiva antropológica da ideologia moderna**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

GIDDENS, A. **As Conseqüências da Modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991.

HALL, S. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2003.

KUMAR, K. **Da Sociedade Pós-Industrial à Pós-Moderna: Novas teorias sobre o mundo contemporâneo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1997.

LASCH, C. **A Cultura do Narcisismo: A vida americana numa era de esperanças em declínio**. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

LASCH, C. **O Mínimo Eu: Sobrevivência psíquica em tempos difíceis**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

LIPOVETSKY, G. **A Era do Vazio: Ensaio sobre o individualismo contemporâneo**. Lisboa: Relógio D'água, 1983.

OLIVEIRA, L. **Nódulos de Dádiva: Religião, individualismo e comunicação nas sociedades contemporâneas – as redes da Nova Era**. 2000, 161 f. Dissertação (Mestre em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2000.

SIMMEL, G. As grandes cidades e a vida do espírito (1903). **Revista Mana**, v.11, n.2, p. 577-591, 2005.

SINGLY, F. **Uns com os Outros: Quando o individualismo cria laços**. Lisboa: Instituto Piaget, 2003.

STENGEL, M. **Tradições, Contradições, Transformações: A família na ótica de pais de adolescentes**. 2004, 247 f. Tese (Doutor em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.